

Entre ruínas

Aparições da infância

Marina Harter Pamplona

Doutoranda no Instituto de Psicologia da Universidade Federal Fluminense /
hartermarina@gmail.com

Marcelo Santana Ferreira

Professor associado de Psicologia Social do Instituto de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil
ferreira_marcelo@id.uff.br

Resumo:

Este ensaio parte da relação entre infância e memória como possibilidade de olhar mais atentamente para as passagens da experiência. A atmosfera alvorecida do nascimento da infância, abre espaço para a crítica a uma concepção de história que se efetue como sucessão de fatos que vão preenchendo um tempo homogêneo e vazio, como sugere Walter Benjamin. Diante da tarefa de elaboração de um testemunho que não encontra vias definitivas de expressão por intermédio dos conteúdos verbais, a infância salta - como clarão luminoso capaz de revelar que a verdade da experiência humana está remetida, não mais à força bélica do progresso, mas à indeterminação originária. Por um jogo de memória, liberamos uma linguagem que faz a palavra verdade encontrar-se com a infância, delineando uma concepção política de infância que responda ao conceito de materialismo histórico.

Palavras-Chave: Infância; História; Jogo; Linguagem; Walter Benjamin.

Abstract:

This essay starts from the relationship between childhood and memory as a possibility to look more closely at the passages of experience. The dawning atmosphere of the birth of childhood makes room for criticism of a conception of history that takes place as a succession of facts that fill a homogeneous and empty time, as suggested by Walter Benjamin. Faced with the task of elaborating a testimony that does not find definitive ways of expression through verbal content, childhood leaps forward - like a luminous flash capable of revealing that the truth of human experience is referred, no longer to the warlike force of progress, but to the original indeterminacy. Through a memory game, we release a language that makes the word truth meet with childhood, outlining a political conception of childhood that responds to the concept of historical materialism.

Keywords: Childhood; History; Game; Language; Walter Benjamin.

1. Dizer o luto

Era uma vez um menino que não podia chorar. A água que guardava em seu rosto só encontrava consolo na imensidão das águas do mar que o recebia, ali tão perto de onde ele vivia. No mar brincavam os meninos e desaguavam as águas dos rios. O menino já não era tão criança, mas ainda estava longe de ser adulto. Estava crescendo. Aos meninos que cresciam, havia uma voz que também crescia, só que mais rápido do que eles, sempre mais adiante, e ela lhes oferecia a segurança de um caminho a ser percorrido: “Não quer se tornar forte, valente e corajoso?”, a voz aparecia quando o menino se entristecia, “guarde suas lágrimas e assim você se tornará um grande homem”. A voz tinha sempre pressa e sua presença persistente grudava máscaras nos rostos desses que eram nomeados “meninos” nas certidões que eram preenchidas assim que nasciam. Confiando no caminho que a voz apontava para as dores que sentia, o menino guardava lá dentro do peito toda dor, para voltar a brincar, andar de bicicleta, mergulhar no mar, e a vida seguia... E a grande voz tratava de transformar o menino em algo que ele mal reconhecia.

Aconteceu que um dia uma tristeza diferente o atormentou, cobrindo o menino de um desalento que foi crescendo para além do horizonte do mar. O pai do menino ficou muito doente e foi sumindo... sumindo aos poucos, até que partiu, ainda o corpo presente, segurando na mão do menino, que não chorou. Ao anoitecer, pediu um descanso para a grande voz, mas ela não lhe dava ouvidos.

Com o tempo, o menino já se regulava, cerrado em fortaleza, se antecipando à grande voz, que se aproveitava da solidão do menino para gravar-lhe máscara ainda mais pesada. Pouco a pouco o menino também parecia ir sumindo... sumia a forma de um menino, para se assemelhar à máscara que o vestia.

Mas ele permanecia ali dentro, um pouco mais quieto, mas era a máscara que viam. Quietamente como a lágrima que crescia e crescia dentro do peito, silenciosamente. Silenciosamente não. A lágrima que crescia também entoava um som,

uma voz, capaz de ser ouvida apenas quando quem testemunha sua existência silencia. Uma voz miúda, relegada ao valor que só uma coisa tão pequena pode ter neste mundo. A grande voz certificava-se, também, de que outros meninos aquietassem o som miúdo que guardavam no peito e, aos poucos, até mesmo do consolo e das histórias do mar se esqueciam. Mas houve uma tarde quente em que o mar se sentiu sozinho, sem menino para rir nem para chorar, e salgado, como a lágrima que salgava o peito do menino, entoou seu canto, enquanto a grande voz arrogantemente descansava, farta do seu triunfo. Chamou, ali para onde as ondas vêm e vão, o menino que não podia chorar e todos os outros também. Os meninos ali se encontraram. E o menino gaguejou sua verdade guardada, entoando a palavra luto e depois mais outras. Com esforço de quem rompe a casca do silenciamento, ele ia enlaçando uma palavra na outra, compondo uma voz para si: “não consigo chorar o luto de meu pai”. As ondas vinham buscar as palavras escondidas do menino e recebiam sua voz ainda frágil e guardada. Ele sentiu, então, o rosto salgar de sabor das lágrimas e o mar se comprazia com o encontro de águas, expandindo-se. Enquanto o menino chorava seu luto e sua saudade salgada, o som da respiração do mar embalava toda a cidade em silêncio¹.

2. Relação entre ruína, história, memória e infância

Em uma tarde quente de uma casa avizinhada ao mar, alguns meninos se agruparam para assistir ao documentário *The mask you live in* (2015)², cujas palavras do título formam um jogo de semelhanças com a sonoridade da expressão “*the masculine*”. No documentário, a pergunta sobre a lembrança da exigência de tornar-se homem ainda na infância se transformou no pedido para que as

¹ A presente história foi criada a partir de encontros dialógicos de uma das autoras com um projeto social no Brasil. Em um dos encontros, os educadores do projeto propuseram uma roda de conversa a partir da exibição de um documentário, a roda de conversa abriu espaço para o compartilhamento de histórias e impressões.

² Documentário dirigido por Jennifer Siebel Newsom, estreado em 2015, com origem nos Estados Unidos.

personagens do filme continuassem o enunciado: “Se você me conhecesse de verdade...”, dizendo algo de si que até então não havia encontrado espaço de enunciação. A transmissão do filme foi interrompida depois dessa cena e o enunciado foi reproduzido no grupo, assim, os meninos passaram a povoar o espaço com suas vozes, experimentando o surgimento de narrativas pungentes e amparadas sobre o fundo do retumbar das ondas da praia – que embalava silêncios, pausas e hesitações.

Tal qual uma cantiga que sobrevive na concha da orelha, cantos e contos asseguram a ressonância de histórias de distâncias e saudades, cuja cadência ritmada é, ao mesmo tempo, antídoto para todo esquecimento e invenção de uma “tapeçaria da existência vivida”, tecida pelo próprio jogo entre memória e esquecimento (Benjamin, 2008, p. 38).

No encontro com um dos meninos que participaram da atividade mencionada, sua história, marcada pela experiência do luto e pelas injunções de gênero em uma sociedade machista, nos devolve a imagem de um mundo que temos construído, oferecendo a possibilidade de restauração de um fio de transmissibilidade entre adultos e crianças, e por onde perpassa também aquilo que reside no limiar do crescer: a juventude.

As histórias que desenhamos aqui se tornam ponderáveis a partir da escuta daquilo que era dito no encontro com os meninos e na possibilidade de incidir, eticamente, sobre os percursos nada tranquilos da formação da identidade masculina, já na precocidade da infância e da juventude. Ficcionalizar, no início, foi uma forma de co-participar daquilo que era narrado como sofrimento e impossibilidade de partilha: a morte de alguém amado e o luto que se necessita fazer a partir disto. A possibilidade de olhar mais atentamente para as passagens da experiência, entre um acontecimento e outro, inventando, ainda, uma vida possível; como vive o peixe vivo fora da água fria ou o coração golpeado pela morte.

Apoiando-nos na discussão de Walter Benjamin sobre a figura do contador de histórias, compreendemos o diagnóstico histórico e filosófico de uma rarefação da arte de contar histórias e do desaparecimento da comunidade de ouvintes.

tes. Afastados temporalmente do texto de Benjamin, encontramos nele as referências éticas para a defesa de que se colocar disponível à narrativa do outro é parte incontornável da valorização de uma história que necessita de olhos e ouvidos zelosos ao que vem de longe, da distância temporal e espacial que inaugura a possibilidade de uma relação ativa com a tradição e a palavra do outro. Em distância, percorremos tanto as especificidades e os relevos da arte de contar histórias, quanto a história que tornou possível o declínio de experiências transmissíveis na modernidade, a partir do século XVIII.

No ensaio *Experiência e pobreza*, Walter Benjamin (2008) evoca a imagem dos soldados que voltaram mudos dos campos de batalha da Primeira Guerra Mundial, esvaziados de narrativas comunicáveis, em uma geração assolada pela inauguração de inovações tecnológicas que refinaram a força da capacidade de destruição e extermínio. A documentação oficial dos vitoriosos da pátria, das conquistas territoriais e do progresso industrial soterrava a memória dos mortos, e a aceleração imposta pelo produtivismo científico e econômico impedia a elaboração das passagens da vida e da morte.

Em “Pedagogia profana”, Jorge Larrosa (2003, p. 192) expõe “uma imagem do totalitarismo: o rosto daqueles que, quando olham para uma criança, já sabem, de antemão, o que veem e o que têm de fazer com ela”: sacrificada aos ídolos do Progresso, do Desenvolvimento, do Futuro e da Competitividade. Ídolos de vozes grandes que nada escutam. No entanto, a infância é o enigma que faz nascer um outro diante de nós, instante de descontinuidade, de interrupção de uma continuidade cronológica, ainda que os esforços da racionalidade adulta se dirijam para a eficácia de uma rápida introdução da infância em uma relação de continuidade conosco e com o nosso mundo, tomando-a apenas como ponto inicial onde um aparato de técnicas pode influir com vistas ao alcance de um desenvolvimento previsto.

A bússola desta investigação é a esperança de que podemos, ainda, capturar, pela linguagem, imagens através das quais a infância nos olha de volta, inquietando nossos saberes, instaurando um vazio, um silêncio da compreensão de uma língua estranha, brilhando fora dos limites do poder.

A atmosfera alvorecida do nascimento da infância como alteridade, abre espaço para a crítica a uma concepção de história que se efetue como sucessão de fatos que vão preenchendo um tempo homogêneo e linear. O caráter decisivo da teoria de Walter Benjamin sobre a infância se nutre de sua compreensão ampla do tempo histórico. Em sua crítica à perspectiva aditiva do historicismo, Walter Benjamin (2008) sugere um princípio construtivo: o pensamento não opera apenas por extensão ou adição, mas, fundamentalmente, por imobilização, como se depreende das Teses 5, 13 e 17 do emblemático texto *Sobre o conceito de história*.

O exercício da memória é parte constituinte da ascese historiadora que encontra na infância uma das suas imagens, já que a visada do historiador materialista tem similitude com a percepção não teleológica das crianças como seres históricos. Logo, entendemos ser necessária uma ascese do exercício do historiador: aproximar-se criticamente dos despojos recusados pelos vencedores, efetuar uma aproximação cuidadosa em relação a todo objeto de cultura que guarda em seu cerne um aspecto não recusável de barbárie e sofrimento. A concepção materialista de Walter Benjamin sugere o exercício seletivo do presente diante da citação irreversível do passado. Seleção ética e conceitualização do tempo são algumas das consequências de uma politização da infância, como relação crítica com a linearidade do tempo.

Para Walter Benjamin (2008) em sua tese 13 *Sobre o conceito de história*, “a crítica da ideia do progresso tem como pressuposto a crítica da ideia dessa marcha.”(p. 229). Esse excerto sugere uma crítica à perspectiva teleológica, que se dirige a um fim pré-determinado, retirando a especificidade do presente. A dialética em suspenso proposta por Walter Benjamin se correlaciona com a imobilização. Na tese 17, Benjamin (2008) afirma que “Pensar não inclui apenas o movimento das ideias, mas também sua imobilização.” (p. 231). A imobilização sugere uma implosão da continuidade e, ao mesmo tempo, a possibilidade de considerar um objeto histórico como mônada, a partir da interpretação de Benjamin da metafísica de Leibniz. Na perspectiva materialista de Benjamin (2008),

uma mônada é via de acesso, do ponto de vista imagético – revelado, por exemplo, em um texto filosófico – as outras mônadas. Uma brincadeira infantil, por exemplo, reflete e refrata o mundo dos adultos. As relações dialógicas entre adultos e crianças interferem no mundo, deixando marcas de dor e de esperança, que precisam ser arrancadas da norma histórica continuísta. Por isso, a infância pode ser compreendida de forma política.

A imagem das ruínas ilustra a luta contra o fascismo nos escritos de Walter Benjamin (2008). Dentre essas imagens, o autor nos oferece a descrição do “anjo da história”:

Seus olhos estão escancarados, seu queixo caído e suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu semblante está voltado para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as arremessa a seus pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que o anjo não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele volta as costas, enquanto o amontoado de ruínas diante dele cresce até o céu. É a essa tempestade que chamamos progresso. (Benjamin, 2008, p. 246)

Essa descrição é suscitada pela relação de Benjamin com um quadro de Paul Klee, intitulado *Angelus Novus*. Em uma consonância sensível com o trabalho do admirador de seu anjo novo, Paul Klee também se utilizou de uma noção de infância como acesso à possibilidade de composição de um autorretrato enigmático e como forma gráfica na qual uma crítica de seu tempo poderia ser expressa. Em suas pinturas, ele traçava certa conexão entre a infância e a experiência da guerra (Helfenstein, 1998). A infância aparecia como tema, tanto nas críticas à militarização de jovens e crianças nos regimes totalitários, quanto na ilustração de um mundo pacificado em contraposição à guerra ocasionada pela racionalidade adulta. Os anjos de Klee são feitos de linhas tortas e desajustadas, esses traços infantis parecem ser o suporte para a experimentação de uma verdade invisível que jaz em toda representação do humano. Na hibridez entre humano e celestial, os anjos testemunham a fragilidade inescapável que nos constitui, participando do mundo profano.

O anjo volta o olhar para o amontoado de ruínas e as crianças brincam com elas, jogam com os artefatos e, pela linguagem, desmontam e remontam discursos históricos. O surgimento do anjo abre as dicotomias do saber histórico à instabilidade tal qual a de uma criança “parada na janela, esperando escondida atrás de um móvel, atrasada quando vai à escola ou à sinagoga, retirada dos cantos afastados do jardim público”, hesitantes nos limiares “onde o tempo se acumula” (Gagnebin, 2013, p. 88). A história sofre uma espécie de retroversão, e na proximidade entre a infância e os traços do anjo novo, as crianças são herdeiras das ruínas da história.

3. Gritar a luta

Muitas pessoas aglomeravam-se em uma grande praça da cidade do Rio de Janeiro. Fui na companhia de uma amiga. Ali ocorria mais um ato em memória da vereadora Marielle Franco que fora assassinada na noite de uma quarta-feira, de raios e trovões, no dia 14 de março de 2019. Em um palco falavam em microfones – e a plenos pulmões – algumas e alguns líderes políticos e religiosos. Aplaudíamos na intensidade do momento e daquelas palavras, que nos ajudavam a construir algum sentido coletivo para a brutalidade do vazio que aquela morte havia deixado em nós. Abaixo de nossos olhares, uma menina – que vim a descobrir minutos depois que tinha seus oito anos – vendia balas de menta. Ela passou uma primeira vez por nós e depois uma segunda; quando nos olhou e perguntou, olhando para cima, “o que vocês estão aplaudindo?”. Minha amiga ofereceu o colo para que seu olhar pudesse alcançar o que acontecia no palco, ela aceitou – ao passo que passamos a revezar os braços para segurá-la. Elevada no ar, os discursos declamados no palco a detiveram somente por alguns segundos; logo começou a olhar em volta, inquietava-se com a perspectiva que havia alcançado, acenando para outras crianças que, como ela, também experimentavam alturas sustentadas pelos ombros adultos ou escalando um poste de luz.

Ao lado do palco, projetavam sobre as paredes brancas da câmara dos vereadores a palavra LUTA, que logo sumia para então aparecer a palavra LUTO. O jogo de palavras não parava de repetir – luta, luto, luta, luto. Vasculhando com o olhar aquela alteração perceptiva a menina descobriu o jogo projetivo. Ali ela se deteve, adivinhando o segredo da cadência entre uma palavra e outra. Até que, toda vez que via iluminada a palavra LUTA, ela repetia “Luta!”. E, quando aparecia LUTO, ela apenas observava, como se o ritmo lhe tivesse escapado. No entanto, manteve-se esperta e, um tempo depois, na projeção seguinte de LUTO, ela gritou “Luta!”. Não era como se a criança simplesmente desconsiderasse a letra “o”, que fazia com que uma das palavras ganhasse um sentido distinto da anterior; para além disso, sua brincadeira acústica ganhava amplitude, e gritava “Luta!”, como se fosse capaz de descobrir uma palavra nova a cada vez que a repetia em sua voz, experimentando entonações que acompanham a velocidade das projeções. Desarranjando uma das letras, ela nos mostrava o jogo de sentidos que estava implícito no arremesso projetivo daquelas palavras, ao mesmo tempo em que revelava suas semelhanças.

4. Ouvir a infância

O luto negado ao menino, que deve atender ao ideal de semelhança com a máscara de força, autossuficiência e virilidade, sem deixar-se fragilizar ou elaborar a ausência imposta pela morte, constitui, da mesma forma, o nosso trabalho de luta contra o esquecimento. Entre a luta e o luto, resplandece o jogo que instaura uma descontinuidade fundamental, entre momentos nos quais dois instantes se condensam formando uma nova intensidade. No entanto, tal qual uma jangada no mar, a travessia do luto nos arrasta até a margem, limite, da linguagem – dividindo com o silêncio a invenção de palavras que permitam dizer o que nunca parece fixar-se em um sentido.

A etimologia da palavra infância, também contém em si um prefixo de ausência, caracterizando o início da vida humana: “a ausência de fala (do verbo

latim *fari*, falar, dizer e do seu particípio presente, *fans*). [...] não tem nem rugido, nem canto, nem miar, nem latir, como os outros bichos, mas [...] tampouco tem o meio de expressão próprio de sua espécie: a linguagem articulada” (Gagnebin, 1997, p. 170). Ainda que ausência de fala não seja ausência de som, Benjamin procura pensar o que repousa por trás desse prefixo in – tomando-o como potência para o pensamento humano. É dessa forma que vislumbramos, então, a conexão oportuna entre os seres *infans* e aqueles que fizeram da narrativa do horror, de seu testemunho, uma questão para a vida, para a política e o pensamento. Assim como a linguagem ainda pode conter resíduos dos sons da infância da qual ela nasce, é nesse limiar que pode residir a morada da verdade.

Este ensaio considerou o deslocamento para a infância como possibilidade de atravessar as calamidades da vida política contemporânea – de perdas e ausências. O triunfo de uma crença rigorosa nos ideais da individualidade racional, quando adoramos em silêncio a uma única versão do homem como humanidade.

É preciso abrir a linguagem a um jogo de memória capaz de restaurar uma relação inventiva com a linguagem. Nesse jogo, a imagem que se revela no presente não se prende a uma correspondência absoluta com a imagem do passado, mas nos permite mudar de lugar, a nós mesmos e às coisas, pela inquietude das infâncias do presente e da infância de linguagem que, como um crustáceo insistente escondido em nossa língua, despista e joga com a rigidez dos signos, transformando em maleável a matéria de si mesmo que enuncia as palavras e as coisas, seguindo os rastros de um gaguejar e de um grito que confrontam os projetos políticos que até então levamos adiante como destino inexorável dos homens. Eis um certo lugar no tempo onde residem possibilidades de vida em relação ao império de uma verdade unívoca, na possibilidade de relançar a materialidade das máscaras aos jogos do brincar, para que estejam inseridas em montagens imprecisas, através das quais podemos nos tornar sempre outros, e não para que sejamos asfixiados na encenação de um só.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Benjamin, W. (2008) *Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense.

Gagnebin, J. M. (1997). *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. Rio de Janeiro: Imago.

Gagnebin, J. M. (2013). *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva.

Helfenstein, J. (1998). The issue of childhood in Klee's late work. In J. Fineberg (Ed.). *Discovering Child Art: Essays on Childhood, Primitivism and Modernism* (pp. 122-156). Princeton University Press.

Larrosa, J. (2003). *Pedagogia profana: Danças, piruetas e mascaradas*. Belo Horizonte: Autêntica.

REFERÊNCIAS CINEMATOGRÁFICAS

Jeniffer, S. N. (Dir.). (2015). *The Mask You Live In*. Estados Unidos.